DAVAR POLISSÊMICA

O discipulado cristão segundo Dietrich Bonhoeffer: implicações éticas e práticas do seguimento de Jesus

Christian Discipleship According to Dietrich Bonhoeffer: Ethical and Practical Implications of Following Jesus

Walace Alexsander A. Cruz[159]
Doutorando no PPG em Teologia na Faculdade Jesuíta (FAJE)

Resumo: O discipulado constituiu o eixo central do ministério de Jesus de Nazaré, que formou seus seguidores para a continuidade da missão recebida e os enviou a todos os povos (Mt 28,19). A temática do seguimento permanece atual e imprescindível à reflexão cristã. Este artigo tem por objetivo analisar o significado e as implicações éticas do seguimento de Cristo à luz da teologia de Dietrich Bonhoeffer, a partir de pesquisa bibliográfica em suas obras. Conclui-se que o chamado ao seguimento se traduz no desafio de ser discípulo, o que implica dupla responsabilidade: com Cristo e com o mundo.
Palavras-chave: Discipulado. Seguimento de Cristo. Ética cristã. Dietrich Bonhoeffer. Teologia prática.

Abstract: Discipleship constituted the central axis of the ministry of Jesus of Nazareth, who trained his followers for the continuation of the mission he received and sent them to all nations (Mt 28:19). The theme of following Christ remains relevant and indispensable to Christian reflection. This article aims to analyze the meaning and ethical implications of following Christ in light of Dietrich Bonhoeffer's theology,

Recebido em: 01 set. 2025 Aprovado em: 11 fev. 2026

[159] Doutorando em Teologia em regime de cotutela pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE Brasil) e pela Universidade Católica Portuguesa (UCP Portugal). Bolsista CAPES/PROEX. Realizou um semestre de doutorado sanduíche (PDSE 2024/2) na UCP Braga, Portugal. Mestre em Filosofia pela FAJE e licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). É membro do Grupo de Pesquisa Teologia e Pastoral (FAJE/CNPq). CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/2573165163903294 Orcid: https://orcid.org/0009-0002-4745-5865 E-mail: professorwalacealexsander@yahoo.com

based on a bibliographic study of his works. It is concluded that the call to discipleship translates into the challenge of being a disciple, which entails a dual responsibility: toward Christ and toward the world.
Keywords: Discipleshi. Following Christ. Christian ethic. Dietrich Bonhoeffe. Practical theology.

Introdução

O discipulado se constitui como núcleo da vida e missão de Jesus Cristo. Seus ensinamentos, milagres e, especialmente, sua morte vicária e ressurreição se caracterizam como grandes pedagogias que alimentam e inspiram a vida cristã. O chamado para segui-lo desponta no início de seu ministério (cf. Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11; Jo 1,35-51) e se mantém como fio-condutor até o final, pois Jesus estabelece a missão fulcral de seus seguidores: fazer discípulos em todas as nações (cf. Mt 28,19; Mc 16,15; At 1,8). Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), cujo núcleo da teologia é a cristologia, percebe essa centralidade e apropria-se da temática do discipulado como um dos temas centrais de sua reflexão. Como resultado, publica em 1937 *Nachfolge*, traduzido em português como *Discipulado*; a obra certamente figura entre as principais referências para a pesquisa, reflexão e debate sobre a temática do discipulado. Nossa pesquisa objetiva identificar e refletir sobre os principais aspectos do discipulado sublinhados por Bonhoeffer. Destarte, no primeiro tópico, iniciamos com uma investigação de caráter etimológico e, consequentemente, "ontológico", isto é, pelo sentido da palavra e conceito de discipulado, que remonta à tradição grega clássica e que, apropriada pela tradição bíblica, recebe novos significados à luz do evento Cristo.

Na sequência, no segundo tópico, adentramos de modo mais direto o horizonte de reflexão bonhoefferiano, atentando especialmente para suas reflexões a partir da obra supracitada, *Discipulado*. Nos terceiro e quarto tópicos, objetivamos compreender as principais características do que Bonhoeffer aponta como autêntico discípulo de Cristo, com destaque para a forma como se reflete a relação discípulo-mundo; ou seja, interessa-nos analisar como, no interior do discipulado, cristologia e ética, ou cristologia e práxis social, dialogam e se interpenetram.

1. Discipulado: etimologia e significados

O discipulado é o núcleo da vida cristã. A recorrência com que a palavra ou correlatos a ela ocorrem no Novo Testamento, especialmente nos Evangelhos e em Atos dos Apóstolos é, dentre outros, um fator que corrobora

com nossa afirmação: "A palavra gr. *mathetes* empregada para discípulo é usada aproximadamente 270 vezes nos Evangelhos e no livro de Atos"[160]. Justifica-se a ênfase neotestamentária pelo fato de que o próprio Jesus explicita o discipulado como eixo que norteia sua missão. A rigor, pode-se entender μαθητές (discípulo) em dois sentidos, que aqui vamos denominar *stricto* e *lato*. De modo *stricto* é uma referência direta e exclusiva àqueles doze homens denominados, no segundo momento, apóstolos (απόστολος). Logo, a expressão μαθητές indica, a princípio, atores específicos: os discípulos que formaram o restrito grupo dos "Doze". Na tradição posterior da Igreja, tornou-se referência àqueles que constituíram o *collegium apostolicum*. Para ser caracterizado como um destes, via de regra, era necessário ter sido primeiro chamado, legitimado e enviado pelo próprio Jesus durante seu ministério. É o que indica o NT: Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11 e Jo 1,35-42.

No caso de substituição de *um* dos *Doze* – como se exigiu substituir Judas Iscariotes –, o candidato deveria preencher os seguintes critérios: a) ter vivenciado o ministério de Jesus Cristo, b) ter estado na companhia dos *Doze* e, c) ter sido testemunha da ressurreição, ou seja, estar entre aqueles que viram e experienciaram o *Ressuscitado* (cf. At 1,21-22). Exceção à regra, é são Paulo, que se autodesignou um "abortivo", a quem o próprio Senhor (κύριος) "apareceu-lhe" (1Cor 15,8). Há, portanto, uma interrelação (ou correspondência) no sentido *stricto* entre discípulo (μαθητές) e apóstolo (απόστολος). Nota-se que, em relação aos *Doze*, de modo *stricto*, há a designação de apóstolos (cf. Mt 10,1-2). Todavia, no transcorrer do NT, a começar pelo livro de *Atos dos Apóstolos*, há uma expansão conceitual do significado de discípulo (μαθητές), daí o surgimento de um sentido *lato*. O que não quer dizer que houve a substituição ou exclusão do significado primeiro a que nos referimos, mas a configuração de um significado segundo, no intuito de incluir os novos seguidores de Jesus, especialmente, não-judeus (gentios), que em escalada aderiram ao novo movimento.

Estes novos adeptos também são considerados discípulos (μαθηταί) de Jesus Cristo. Somente no livro de *Atos dos Apóstolos* calcula-se cerca de 125 ocorrências das palavras μαθητές e μαθηταί. Seja no sentido *stricto*, isto é, em referência aos *Doze,* como também no sentido *lato*, remetendo-se a este *significado segundo*, ou seja, a todos/as que ouvindo o anúncio (κέρυγμα) do evangelho, convertem-se a Jesus de Nazaré, confessando-o como "Cristo e Senhor" (Χριστός και Κύριε). Quanto a este sentido *lato* de discípulo (μαθητές), observamos como o livro de *Atos dos Apóstolos* faz dele uso recorrente:

[160] DICIONÁRIO BÍBLICO WYCLIFFE. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p.565.

"naqueles dias, aumentando o número dos *discípulos* [...] os Doze convocaram então a multidão dos *discípulos* [...] o número dos *discípulos* multiplicava-se enormemente em Jerusalém, e considerável número de sacerdotes obedecia a fé" (At 6,1-2;7 *itálicos nosso*); "depois de terem evangelizado essa cidade e conseguido fazer bom número de *discípulos*, regressaram a Listra, Icônio e Antioquia. Confirmavam o coração dos *discípulos*, exortando-os a permanecerem na fé" (At 14,21-22 *itálicos nosso*); "mesmo no meio de vós surgirão alguns falando coisas pervertidas, para arrastarem atrás de si os *discípulos*" (At 20,30 *itálico nosso*); e "acompanharam-nos alguns dos *discípulos* de Cesareia, e nos levaram à casa de certo Mnason, de Chipre, antigo *discípulo*, com quem nos deveríamos hospedar" (At 20,16 *itálico nosso*).

Chamamos a atenção, portanto, para a dilatação conceitual de discípulo (μαθητές) no decorrer do Novo Testamento, especialmente em *Atos dos Apóstolos*. É importante recordarmos, todavia, que esta palavra (ou conceito) antecede ao advento do cristianismo.

> Na prosa ática, notadamente em Platão, ela faz alusão ao estudante treinado por um filósofo ou orador retórico. O conceito prevaleceu no AT e é exemplificado pelos 'filhos dos profetas', que foram os aprendizes que mais tarde substituíram Samuel, Elias e Eliseu[161].

No contexto grego (período clássico), onde o conceito tem sua raiz, o discípulo de modo geral, era um aluno, um aprendiz, alguém treinado por um professor (διδάσκαλος) das diversificadas escolas, principalmente as filosóficas. Não necessariamente o discípulo tinha uma relação afetiva com seu διδάσκαλος. Este era, a rigor, simplesmente alguém contratado para a transmissão de determinado conteúdo ou saberes, por exemplo, a retórica, oratória ou gramática. Evidente, havia escolas, grupos e partidos fundados a partir da relação afetiva entre professor-aluno, como bem observado, "um discípulo [podia não ser] apenas um aluno, mas um partidário; por conseguinte, falava-se que eles eram imitadores do mestre"[162]. Mas, não era regra. Há no NT uma reconceituação tanto de categorias herdadas do mundo judaico, quanto do helênico. É o processo de *cristianização etimológica e epistemológica*, que se desenvolve, a partir do século I e II, e tem seu ponto áureo entre os séculos III e V. Ocorreu com o conceito de discípulo (μαθητές). Por certo, a palavra

[161] Dicionário Bíblico Wycliffe, 2014, p.565.
[162] DICIONÁRIO VINE: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo testamento. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016, p. 569.

preserva o sentido de *aluno* e *aprendiz*, Jesus entende-se como um Mestre: "vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou" (Jo 13,13); exortava-os: "aprendei de mim" (Mt 11,29).

Os que vinham a ele, o ouviam e manifestavam o desejo de se tornarem seus seguidores, reconheciam-no como Mestre. "Mestre, eu te seguirei para onde quer que vás" (Mt 8,19). Os *Doze*, de igual modo, dirigiam-se e referiam-se a ele como Mestre: "mestre, não te importa que pereçamos?" (Mc 4,38); "o mestre está aí e te chama" (Jo 11,28). Certamente, os *Evangelhos*, as *Cartas Apostólicas*, enfim, a totalidade do NT são, via de regra, uma grande catequese cristã. A relação *ensino-aprendizado* é elementar no cristianismo. A vida, ministério, sermões e parábolas de Jesus são grandes pedagogias da fé. Portanto, é dever do discípulo (μαθητὲς) cristão se dedicar ao aprendizado dos conteúdos ensinados por sua fé: "aplica-te à leitura, à exortação, à instrução" (1Tm 4,13). Entretanto, corre-se o risco de reduzir a experiência cristã ao conteudismo. Contudo, importa destacar que o discipulado cristão abarca o aprendizado dos conteúdos da fé, mas não se restringe aí, transcende-os. Clarifica isto, as palavras do próprio Jesus, segundo o Evangelho:

> Chamando a multidão, juntamente com seus discípulos, disse-lhes: se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas, o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, irá salvá-la" (Mc 8,34-35).

Como podemos traduzir o desafio de "negar-se a si mesmo", "tomar a cruz" e "segui-lo"? A nosso ver, na afirmação de que o discipulado cristão exige um *comprometimento radical* com o Senhor e sua missão; comprometimento este que é fruto de uma decisão consciente e corajosa que culmina em lealdade irrestrita.

2. Discipulado: renúncia e submissão

Seguir a Jesus Cristo representa um desafio radical para o discípulo (μαθητής), constituindo a decisão mais exigente de sua vida. Responder ao chamado de Cristo implica disposição para enfrentar as últimas consequências, incluindo, se necessário, o martírio: "vos entregarão à tribulação e vos matarão, e sereis odiados de todos os povos por causa do meu nome" (Mt 24,9). Todavia, antes mesmo de arriscar a vida, o discipulado requer autonegação, renúncia e o crucificar-se a si mesmo (cf. Mt 16,24). Como observa São Paulo: "Por amor de ti somos entregues à morte todos os dias; fomos considerados como ovelhas

para o matadouro" (Rm 8,36). O discipulado cristão culmina na entrega total ao Senhor (Κύριος), configurando-se na oferta da vida como "sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (Rm 12,1). Não se limita à adesão a conteúdos dogmáticos, embora estes devam ser confessados (cf. Rm 10,9); transcende-os, manifestando-se na relação de rendição radical a Jesus Cristo e à sua missão. Seguir o Verbo Encarnado (cf. Jo 1,1-14) exige que o discípulo (μαθητής) transforme sua existência em uma encarnação prática de seu Senhor (Κύριος). Na direção desta reflexão, destaca-se o pastor e teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), que dedicou ao tema o livro *Nachfolge* ("Seguimento"; em português, optou-se por traduzir como *Discipulado*), publicado em 1937. Fundamentamo-nos doravante na teologia apresentada nesta obra para realizar uma análise e reflexão mais aprofundadas sobre nosso objeto de estudo.

Bonhoeffer define o discipulado cristão em duas categorias: renúncia e obediência. Em *Discipulado*, afirma-se que a renúncia é o requisito preliminar à vida cristã; assim como, é seu fio-condutor do início ao fim. Isto porque o discipulado está radicado na obediência e submissão incondicional a Jesus Cristo, que se torna de modo inteiramente radical seu Senhor (Κύριος). Com efeito, o discípulo não pode viver mais pautado na autorreferência, no narcisismo; assumir uma realidade existencial e prática que se radica na submissão e obediência à Jesus Cristo, culmina na abdicação de um *modus vivendi* antropocêntrico, isto é, voltado para si mesmo.

> Uma vez chamado, o ser humano tem de abandonar a existência que levava até então [...] tem de abrir mão de tudo que viveu; o que é velho deverá ficar para trás. O discípulo deixa sua relativa segurança de vida e segue para a completa insegurança (isto é, na realidade, para a absoluta segurança e proteção da comunhão com Jesus); deixa uma situação aparentemente previsível e calculável (mas, na verdade, muito imprevisível) para a imprevisibilidade, para o acaso total (quer dizer, para a única coisa que é necessária e previsível); deixa o domínio das possibilidades limitadas (isto é, de fato, das possibilidades infinitas) para o domínio das possibilidades infinitas (ou seja, para a única realidade libertadora).[163]

São Paulo, por exemplo, é radical na sua compreensão do senhorio de Cristo, referia-se a si mesmo frequentemente como "escravo de Cristo" (δοῦλος

[163] BONHOEFFER, 2016, p. 33.

Χριστοῦ), veja-se: Rm 1,1; 1Co 4,1; Gl 1,10; Ef 6,6; Fl 1,1; Cl 1,7. Corresponder ao chamado do Senhor (Κύριος), exige-se, portanto, colocar-se "sob"; resulta no abandonar-se a si mesmo (cf. Mc 8,34), logo rege-se a vida à luz inteira do paradigma cristocêntrico, de reiteradamente dizer "não" às vontades próprias, e incondicionalmente "sim" à Palavra de Cristo que se torna um imperativo categórico na vida do discípulo. A teologia do discipulado desenvolvida por Bonhoeffer, certamente é inspirada na *Theologia Crucis* (Teologia da Cruz) de Martinho Lutero (1483-1546). A expressão e seu significado aparecem, por exemplo, na *Controvérsia de Heidelberg* (1518):

> É digno de ser chamado teólogo aquele que compreende aquilo que da essência de Deus se torna visível e manifesto ao mundo no sofrimento da cruz [...] em Cristo crucificado está a verdadeira teologia do conhecimento de Deus [...] Deus só pode ser encontrado na cruz e nos sofrimentos [164].

Em linhas gerais, Lutero sustenta que a plenitude de Deus se manifesta em Jesus Cristo, sobretudo no "Cristo Crucificado", o sofredor. Dessa forma, a cruz torna-se o núcleo da revelação divina e o ponto central para o aprofundamento do conhecimento e da reflexão sobre Deus, que se auto-revela nesse evento. A opção de Cristo pela cruz possui efeitos soteriológicos decisivos para o ser humano — incluindo salvação, redenção e justificação —, mas não se limita a essa dimensão, alcançando e permeando diretamente a esfera existencial, social e ética da vida cristã. Bonhoeffer, leitor atento e intérprete de Lutero, apropria-se desse horizonte proporcionado pela *Theologia Crucis* e, ao desenvolver sua teologia do discipulado, afirma:

> A cruz é imposta a cada cristão. O primeiro sofrimento com Cristo, que cada um tem de vivenciar, é o chamado que rompe nossa união com este mundo. É a morte do velho ser humano no encontro com Jesus Cristo. Desde sempre, quem entra no discipulado entrega-se à morte de Jesus, põe a vida à disposição da morte [...] todo chamado de Jesus leva à morte. Quer se dê à maneira dos primeiros discípulos, que deixaram e profissão para segui-lo quer se dê à maneira de Lutero, que abandonou o mosteiro e retornou à vida civil, em qualquer situação essa morte nos espera, a morte em Jesus Cristo, a

[164] LUTERO, Martinho. *Uma coletânea de escritos*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 53.

negação de nosso velho ser humano[165].

No contexto de sua reflexão sobre a necessidade visceral de renúncia do discípulo, Bonhoeffer aponta para a cruz de Jesus Cristo, estabelecendo-a como paradigma existencial a ser assumido. Ao discípulo exige-se uma vida crucificada, que se inicia numa dimensão subjetiva: em resposta ao chamamento do Senhor, abdica-se de si mesmo para se colocar em radical submissão a Ele. Contudo, o discipulado não se limita à esfera interior; ele se manifesta e se concretiza na vida "exterior", no modo de viver, agir e relacionar-se do discípulo. Afinal, destaca Bonhoeffer "em Cristo já não vivemos nossa vida, mas Cristo vive sua vida em nós"[166]. Quer dizer, a vida do discípulo culmina na "encarnação", ou se preferir, na extensão da vida de Jesus Cristo. Aliás, em sua tese doutoral *Sanctorum Communio: Eine dogmatische Untersuchung zur Soziologie der Kirche (Comunhão dos Santos: uma investigação dogmática sobre a sociologia da Igreja)*, defendida em 1927, Bonhoeffer defende como núcleo de sua reflexão eclesiológica o axioma: *Die Kirche ist Christus als Gemeinde existierend (A Igreja é Cristo existindo em comunidade)*[167]. Em suma: para Bonhoeffer Cristo está presentificado no mundo através da Igreja (comunidade dos discípulos, dos batizados; dos "santos").

Destarte, afirma: "a vida terrena de Jesus Cristo ainda não acabou. Cristo continua a viver na vida de seus discípulos"[168]. Contudo, ao tratar da presentificação de Cristo, isto é, da continuidade de sua vida e missão por meio dos discípulos, Bonhoeffer não a restringe ao âmbito subjetivo, tampouco a reduz à esfera social entendida apenas como o conjunto das relações interpessoais. O discipulado desdobra-se, de modo semelhante, em uma disposição concreta para assumir responsabilidades que abrangem também a dimensão sociopolítica, com suas inevitáveis tensões e conflitos. Tal compromisso manifesta-se, de modo particular, na solidariedade ativa com os mais vulneráveis e marginalizados, isto é, aqueles que mais sofrem sob as estruturas de exclusão e opressão.

---

[165] BONHOEFFER, 2016, p. 64.
[166] BONHOEFFER, 2016, p. 197.
[167] BONHOEFFER, 2017, p. 114.
[168] BONHOEFFER, 2017, p. 253. Na mesma direção, destacamos o que disse Martin Barcala: "[A] Igreja é o corpo de Cristo buscando ocasião para se encarnar no mundo" BARCALA, Martin. *Cristianismo arreligioso*: uma introdução à cristologia de Dietrich Bonhoeffer. São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 71.

3. Discipulado e o compromisso com os mais vulneráveis

A reflexão teológica de Bonhoeffer tem como núcleo a cristologia e a eclesiologia. Cristo e a Igreja constituem uma unidade indissolúvel, no sentido de que Cristo está na Igreja e, concomitantemente, ela é sua presentificação no mundo. Assim, à pergunta sobre o "ser e o agir da Igreja" na sociedade, precede uma clarificação acerca de "quem foi e como agiu" o próprio Jesus. Pode-se encontrar a resposta no postulado bonhoefferiano: *Jesus Christus ist der Mensch für andere* (Jesus Cristo é o ser humano para os outros)[169], isto significa que, no âmago do ser e da missão de Jesus, encontra-se uma plena e voluntária disposição à doação. Sua vida, sermões, milagres e, especialmente, sua morte vicária na cruz são testemunhos que ratificam tal afirmação. A crucificação de Jesus, portanto, se explica como o ápice da voluntariedade de Deus Pai, que oferece seu próprio Filho como expressão de um amor *sui generis* (cf. Rm 5,8); por sua vez, é um testemunho do Filho, que se entrega livremente como resposta de amor ao Pai e à humanidade (cf. Jo 10,18). Com efeito, o axioma de Bonhoeffer – Jesus Cristo é o ser humano para os outros – está posto, no horizonte de sua teologia ética, como o paradigma que orienta o ser e o agir do discípulo cristão.

> Se quisermos ser cristãos, importa que participemos da grandeza de coração de Cristo por meio da ação responsável, [...] do compadecer-se autêntico, que não brota do medo, mas do amor libertador e redentor de Cristo para com todos os que sofrem. A espera passiva e a assistência indiferente não são atitudes cristãs. Não são as experiências no próprio corpo que chamam a pessoa cristã a agir e a compadecer-se, mas as experiências no corpo dos irmãos, pelos quais Cristo sofreu[170].

Confessar-se e assumir-se discípulo de Jesus Cristo "Sofredor" culmina na submissão a uma vida que não evita, ignora ou foge do sofrimento, nem daqueles que sofrem. O discipulado rejeita toda e qualquer forma de escapismo ou fuga do mundo, sobretudo daquele "mundo" habitado por um contingente de pessoas coisificadas, marginalizadas e descartadas. Bonhoeffer sublinha, ao contrário, que o "compadecer-se autêntico" realiza-se no que denomina "ação

---

[169] Bonhoeffer faz uso dessa expressão e desenvolve seu significado, por exemplo, em cartas enviadas da prisão ao amigo Eberhard Bethge. Conferir: BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*: cartas e anotações escritas na prisão. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2015, p.510-511.

[170] BONHOEFFER, 2015, p. 40.

responsável". De seus discípulos, Jesus reivindica uma responsabilidade que se traduz em ação. Ao compadecer-se dos descartados sociais que encontrava, Jesus não restringia sua compaixão à empatia ou à comiseração; a compaixão que brotava de Jesus — e que, por conseguinte, deve irromper também em seus discípulos — não se reduz a um sentimentalismo estéril, isto é, incapaz de engendrar comprometimentos e empreendimentos concretos que possibilitem transformações reais, para além de utopismos efêmeros. Com efeito, rejeita-se no discípulo uma fé marcada pela passividade diante do mal, pela indiferença frente à injustiça e pela insensibilidade ante a miséria que aflige o próximo.

No horizonte teológico bonhoefferiano, compaixão e ação apresentam-se como dimensões intrínsecas e inseparáveis. À vista disso, pode-se afirmar que Bonhoeffer indica a necessidade de que o discipulado se configure como uma ortopráxis cristã; isto é, na vida do discípulo, o que se crê revela-se autêntico apenas quando verificado no modo como se vive; na coragem de assumir e tornar-se à exemplo de Cristo "ser-para-o-mundo". O discípulo lê a Bíblia e lê a realidade; mais ainda, coloca-se ao lado daqueles que estão à margem da sociedade, chora com os que choram, mas não se limita passivamente à condição de sofredor com os sofredores. Antes, questiona e denuncia sistemas, governos e estruturas geradoras dessas realidades antievangélicas, as quais profanam a sacralidade da vida humana criada por Deus e deturpam nela a imagem divina. Esse agir da Igreja — o "agir profético" — é inspirado em sua reserva cristológica. Nela encontra-se, portanto, a fonte originária da supracitada ortopráxis cristã. Amiúde, ressalta-se a necessidade de reconfigurar a hermenêutica teológico-histórica do discípulo, que, conforme Bonhoeffer, deve aprender a "olhar a partir de baixo".

4. Discipulado e o "olhar a partir de baixo"

Para Bonhoeffer, o encontro com Jesus Cristo é "a experiência de que aqui se dá a inversão de toda a existência humana, pelo fato de Jesus só 'estar aí para os outros' [...] a fé é a participação neste ser de Jesus (Encarnação, cruz, ressurreição)"[171]. Não há outra experiência humana tão radical, cujos desdobramentos sejam tão significativos, quanto o encontro com o Senhor. Evidência disso é a constatação de uma inversão fulcral que se opera no ser, no agir e no olhar do discípulo a partir desse acontecimento. Trata-se, portanto, de uma nova percepção que irrompe do interior do discipulado. Bonhoeffer descreve a própria experiência: temos aprendido a olhar os grandes eventos da história do mundo a partir de baixo, da perspectiva dos excluídos, dos que estão

[171] BONHOEFFER, 2015, p. 510.

sob suspeita, dos maltratados, dos destituídos de poder, dos oprimidos e dos escarnecidos — em suma, dos sofredores. Esse giro hermenêutico decorre, por certo, da experiência com Cristo. É ao contemplá-lo e imitá-lo que se aprende e se torna alguém cujo olhar se volta, sobretudo — ainda que não exclusivamente — para aqueles que se encontram socialmente condenados às margens. Para o discípulo, ambas as perguntas estão intrinsecamente entrelaçadas: quem é Jesus Cristo e quem é cristão?

A primeira encontra-se no âmbito cristológico e, se por um lado há uma sólida e vasta tradição teológica que se ocupou em respondê-la até alcançar uma formulação definitiva nos Concílios de Niceia (325) e Constantinopla (381), Bonhoeffer não a considera encerrada. Para ele, trata-se de uma questão sempre atual, reformulada nos seguintes termos: quem é Jesus Cristo para nós hoje? A segunda pergunta, por sua vez, abre um horizonte de dimensão ética, pois o significado de ser cristão hoje transcende a mera aceitação de Jesus como Salvador, a admissão ou a confissão credal e dogmática. Ser cristão hoje significa, sobretudo, responder à pergunta pelo dever do seguidor de Jesus Cristo diante das questões situacionais mais urgentes e sensíveis do tempo presente. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez (1928-2024) dedicou um artigo para refletir sobre a temática levantada por Bonhoeffer — "olhar a partir de baixo" — e nele avalia:

> Bonhoeffer começou a avançar na perspectiva dos de baixo [...] à medida que avança em suas reflexões, Bonhoeffer torna-se mais sensível aos aspectos concretos e materiais da vida humana: saúde, felicidade, vigor etc. – ou seja, aquilo que os marginalizados da sociedade frequentemente não possuem ou lhes é negado [...] Afirmar o Deus que sofre na cruz faz com que ele recuse o sofrimento injusto experimentado pelos de baixo e postular o direito à vida, em todas as suas dimensões, como uma exigência bíblica. Mais uma vez, um profundo sentido de Deus conduz a uma nova sensibilidade para com o pobre, suas carências e inclusive as expressões de sua fé em Deus. Bonhoeffer não chegou a fazer dessa intuição o centro de seu discurso teológico, que permaneceu atento sobretudo para os grandes desafios do mundo moderno. Mas ele soube aceita-los frontalmente[172].

[172] GUTIERREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981, p. 326-327.

G. Gutiérrez chama a atenção para aspectos importantes, começando pela alteração substancial na compreensão de Deus que Bonhoeffer aponta e, como consequência, na relação com o próximo. Destaca-se o Deus sofredor e crucificado, que não é neutro no palco da história, tampouco indiferente às tensões e às relações conflitantes que, ao longo dos acontecimentos, inevitavelmente culminam na formação de novos grupos sociais: os descartados e indigentes, cujas dignidades humanas lhes são negadas. Frente a essas realidades, nas quais estão instaurados processos de subjugação social, o discipulado cristão não se restringe a orientar o crente a orar e partilhar do sofrimento, mas exige ação: age! Com efeito, ao discípulo requer-se uma opção histórica, a de se colocar ao lado dos, mas também na luta com os que estão condenados à inumanidade. No caso de Bonhoeffer, ele se colocou ao lado dos judeus (entre outros grupos) que estavam sendo dizimados pelos nazistas. Em seu caso específico, levou o comprometimento e o engajamento com os vitimados às últimas consequências: enfileirou-se na *Abwehr*, "um epicentro da resistência anti-hitlerista, liderado pelo almirante Wilhelm Canaris"[173], cujo objetivo final era o assassinato de Hitler.

Destacamos que Bonhoeffer enfrentou uma situação-limite. Sua decisão de participar do complô para assassinar Hitler fomenta debates, especialmente no âmbito da teologia moral, o que extrapola os limites de nossa análise aqui. É importante, todavia, sublinhar que essa decisão foi inteiramente pessoal e, em seu entendimento, necessária diante da realidade histórica que vivia, não significando, de modo algum, que Bonhoeffer pretendesse normatizar a violência como *modus operandi* cristão. Sobre sua escolha pessoal, ele justifica — ou, no mínimo, explica — por meio de uma metáfora: se um homem vê um louco dirigindo, atropelando e assassinando, de forma intencional e arbitrária, quem estiver em seu caminho, exige-se desse homem que pare o louco ao volante a qualquer custo. Bonhoeffer estava convencido de que, como pastor, tinha não apenas o dever de consolar as vítimas, mas também de desmantelar, a qualquer preço, a maquinaria que produzia vítimas. Para ele, a neutralidade, o silêncio ou a passividade diante do Mal equivalem a uma escolha pelo próprio Mal. Portanto, o discipulado culmina sempre na escolha pelo Cristo Crucificado, que se mantém presente identificando-se com os crucificados do mundo.

[173] HALE, Lori Brandt; HAYNES, Stephen. *Bonhoeffer para todos*. Viçosa: Ultimato, 2020, p. 61.

Conclusão

Nossa pesquisa trouxe os seguintes resultados: a categoria discipulado é fulcral na vida e ministério de Jesus Cristo, funcionando como um fio-condutor que perpassa e norteia sua missão do início ao fim. Percebendo isso, Bonhoeffer, cuja teologia tem na cristologia seu núcleo, apropria-se da temática do discipulado como uma das reflexões centrais de sua obra, oferecendo à tradição cristã contemporânea o que pode ser considerado uma das obras fundamentais para a investigação e os debates sobre a dimensão do discipulado como camada elementar da vida cristã: *Nachfolge* (1937), em português traduzido por *Discipulado*. A partir desta obra, verificamos que Bonhoeffer sublinha a resposta ao chamado de Jesus como uma decisão radical — a mais sublime tomada por uma pessoa. Nessa escolha ocorrem inversões substanciais que abrangem tanto a interioridade quanto a socialidade do cristão. No seu interior, as estruturas narcísicas, autorreferenciadas e egocêntricas, são desmanteladas; em substituição, impõe-se a vontade de Jesus Cristo, que assume o lugar absoluto de Senhor. Em sentido último, essa penetração de Cristo na pessoa torna-a uma presentificação do próprio Cristo no mundo — na vida do discípulo, manifesta-se a vida de Cristo.

Contudo, o discipulado não está circunscrito à subjetividade; pelo contrário, desdobra-se na vida "exterior". Exige-se do discípulo que assuma, ordenado, inspirado e norteado por Cristo, uma responsabilidade pelo "mundo", especialmente pelo "mundo" dos que estão colocados à margem da sociedade, os mais vulneráveis, vitimados, cujas vidas estão socialmente condenadas à inumanidade. Destarte, Bonhoeffer destaca a necessidade de que o discípulo cristão aprenda a "olhar a partir de baixo": o olhar de Cristo condiciona o olhar de seus discípulos a enxergar os invisíveis (ou invisibilizados). Mais ainda, requer uma opção histórica, inspirada no Evangelho, justamente por esses. Amiúde, o discípulo cristão é discípulo do Crucificado; assim, na cristologia, se define a posição histórica do crente: pelos crucificados do mundo.

Referências

BARCALA, Martin. *Cristianismo arreligioso*: uma introdução à cristologia de Dietrich Bonhoeffer. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BONHOEFFER, Dietrich. *A comunhão dos santos*: uma investigação dogmática sobre a sociologia da igreja. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*: cartas e anotações escritas na prisão. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2015.

DICIONÁRIO VINE: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo testamento. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

DICIONÁRIO BÍBLICO WYCLIFFE. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

GUTIERREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981. HALE, Lori Brandt; HAYNES, Stephen. *Bonhoeffer para todos*. Viçosa: Ultimato, 2020.

LUTERO, Martinho. *Uma coletânea de escritos*. São Paulo: Vida Nova, 2017.